



O que deve o Governo fazer, em tempo de crise, para travar o declínio da natalidade que está a comprometer o futuro do País?

» «A insegurança leva a que os casais atrasem a maternidade ou não tenham filhos. Devia haver uma política global de incentivos, com o aumento do abono de família, a disponibilização de creches, e o assegurar que as grávidas não fossem despedidas. Podia haver um apoio às empresas que empregam mais mulheres – estudos indicam que precisam de mais 20% de recursos humanos por causa das licenças – para evitar uma discriminação negativa»



ANA JORGE
 PEDIATRA E EX-MINISTRA DA SAÚDE

» «Primeiro é preciso que o Governo assuma que a queda da natalidade é um problema. Não adianta discutir soluções com quem não reconhece o problema. O Governo não tem feito nada para permitir que as pessoas tenham filhos. Para o Ministério das Finanças os filhos valem zero. Defendemos que seja criado um rendimento de referência para efeitos de IRS, taxas moderadoras, passes sociais que seja *per capita*. Vivemos uma situação dramática, com um défice de 60 mil nascimentos por ano. É preciso um sinal político para travar esta tendência»

FERNANDO RIBEIRO E CASTRO
 PAI E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO FAMILIAS NUMEROSAS

Nascimentos caem para menos de sete mil por mês

Tendência. Nos primeiros dois meses deste ano nasceram quase menos mil bebés do que em 2012. Mas não só. Este início de ano, é o pior de sempre, com janeiro a cair para os sete mil nascimentos e fevereiro para os seis mil. Especialistas reforçam que futuro do País está comprometido

ANA MAIA

Os primeiros dois meses deste ano fazem de 2013 o pior de sempre em matéria de natalidade. Os números do teste do pezinho, obrigatório à nascença, assim o demonstram. Em janeiro, apenas foram realizados 7217, menos 306 do que no ano passado. Fevereiro ficou-se pelos 6340, menos 666 do que em 2012. Ao todo, no ano passado, nasceram 13 557 bebés, quase menos mil do que em 2011. A crise é uma das responsáveis. E os especialistas dizem que o futuro do País está a ficar comprometido. Portugal não atinge a barreira dos cem mil nascimentos, desde 2009, e em 2012 só chegou aos 91 mil. Este ano pode cair ainda mais.

«Em 2012 tivemos menos sete mil fichas [de rastreio do teste do pezinho] do que em 2011. Ainda é cedo para vermos a tendência, mas não se nota nenhum aumento. Para já não há sinais de recuperação do que se perdeu no ano passado ou nos últimos anos. Provavelmente os casais estão à espera para ver o que vai acontecer», argumenta Laura Vilarinho, responsável da Unidade de Rastreio Neonatal do Instituto Nacional Ricardo Jorge.

«A crise e a situação económica têm tido um impacto muito grande. Já sem crise a natalidade baixou para números preocupantes. Além do adiar dos projetos de criação de famílias, temos o envelhecimento da população. E não tem havido nascimentos suficientes para sustentar este custo. Este é um grande problema ao qual ninguém tem prestado a devida atenção, e que agudiza ainda mais», alerta João Silva Carvalho, presidente do colégio de gineco-

logia/obstetrícia da Ordem dos Médicos.

Ao seu consultório chegam cada vez mais mulheres decididas a adiar o sonho de serem mães e à espera de melhores dias. «O desemprego jovem está a ter uma grande repercussão no decréscimo da natalidade. Nas consultas de ginecologia, os casais dizem-nos que tinham planeado ter um filho mas que resolveram adiar a decisão por causa da situação. Por vezes, adiam até tarde demais. Estamos a criar fatores de infertilidade no futuro.»

Em média, cada mulher portuguesa tem 1,3 filhos, sendo que o primeiro nasce aos 29 anos. «Os grupos etários dos 30-34 anos e 35-39 têm uma importância cada vez maior e isso condiciona a fecundidade final. O ambiente económico e laboral não é bom para o projeto familiar. Pode acontecer que a idade média para se ter o primeiro filho possa aumentar e exista uma menor taxa de fecundidade», diz Maria Filomena Mendes, presidente da Sociedade Portuguesa de Demografia. «O proble-

Mulheres são mães cada vez mais tarde, aumentando infertilidade

ma é que os filhos adiados não se recuperam. O tempo passa e são nascimentos perdidos, em relação às intenções dos casais. À medida que a idade avança, ajustam os seus desejos à realidade. A crise, a instabilidade e o aumento do desemprego têm efeitos na estabilidade familiar.»

As notícias que chegam a casa dos portugueses são pouco animadoras. Rescisões, falências, uma taxa de desemprego que, no início de 2014, pode chegar aos 19%. «Se continuarmos numa situação de elevada incerteza, desemprego e precariedade, muito dificilmente vamos reverter o declínio da natalidade nos próximos anos»,

refere a demógrafa, que aponta a emigração como um grande problema. É que tudo interfere na decisão de ter um filho, e muitos casais, que até poderiam ter a intenção de ter dois ou três, acabam por ficar só com um.

«Há um convite implícito aos mais novos para sair. São eles que estão em idade de casar e ter filhos. Por outro lado, assistimos ao re-

gresso dos imigrantes aos países de origem. Perdemos a capacidade de atração que tínhamos. Os dois podem ter um efeito gravíssimo na natalidade», acrescenta Maria Filomena Mendes.

A descida da natalidade também se faz sentir na economia. Em 2012, segundo dados da consultora Nielsen, as vendas na área da alimentação infantil, que inclui leites e farinhas lácteas, desceram 17,3%. Entre alimentação, roupa, consultas e livros, o custo das famílias com cada filho pode rondar os 300 euros por mês.

O pediatra Gomes Pedro lamenta que as crianças não sejam uma prioridade para quem governa. «Ouve-se falar de reduções, mas não de uma prioridade nacional – sem contar com os idosos – em relação às crianças que representam o nosso futuro. A taxa de natalidade é um grito de alarme. É preciso inverter a tendência e dar prioridade à família, sobretudo nos primeiros anos de vida do bebé. É preciso que os pais tenham recordações fantásticas do primeiro filho, para que queiram voltar a vivê-las uma segunda e terceira vezes, repetindo a experiência», aponta o médico.



As medidas do 'medo'

Especialistas de várias áreas dizem que o Governo não tem a natalidade na agenda. Acusam os responsáveis de dar sinais contrários ao que o País precisa para assegurar o futuro. Cortes nos subsídios e apoios à família, desemprego, precariedade, falta de esperança no futuro são os problemas mais apontados por quem vê a população a decrescer

DESEMPREGO
 » A taxa de desempregados bateu um novo recorde no início do mês. Segundo os dados do Eurostat, a taxa de desemprego era de 17,6%. São cada vez mais os casais desempregados, assim como os jovens, que ficam de fora do mercado de trabalho. As previsões feitas pelo ministro das Finanças apontam para um desemprego a rondar os 19% em 2014.

CORTES NOS SUBSÍDIOS
 » O subsídio de natalidade sofreu um corte de 14%, com a retirada dos subsídios de férias e de natal no cálculo do valor a receber pelas famílias. Também os ordenados e pensões foram penalizadas com a alteração dos escalões de IRS e a criação de uma sobretaxa, sem contar com a retenção de um dos subsídios (férias e natal) e o pagamento do outro em duodécimos.

DESPEDIMENTOS
 » A falência das empresas e a redução do número de funcionários públicos fazem temer uma onda de despedimentos. Um receio para uns, uma realidade para outros que faz adiar o projeto de constituição de família. As alterações no Código do Trabalho introduziram indemnizações mais baixas, redução do valor pago pelas horas extraordinárias e criação do banco de horas.

» «A natalidade vai afundar-se ainda mais. Como é que os jovens podem fazer projetos sem emprego? As questões sociais aliadas ao mercado de trabalho são um puzzle mortal para a natalidade. É uma responsabilidade grande ter um filho. É importante que se criem empregos para os jovens e condições para as mulheres conciliarem as atividades profissionais e familiares. São também precisos apoios e equipamentos sociais para as crianças»

MÁRIO LESTON BANDEIRA
SOCIÓLOGO



» «Quase ninguém recebe abono de família e houve um corte no subsídio de natalidade. Creio que sem incentivos mais altos, como fazem outros países em que estes valores têm um papel importante no orçamento familiar, será difícil inverter esta tendência. Conheço casos em que as mulheres são despedidas por estarem grávidas. Para se ultrapassar esta situação, o Governo tem de tomar medidas muito sérias de apoio financeiro às famílias, dar mais tempo às mães para estarem com os filhos nos primeiros anos de vida»

LUÍS SIMÃO
PRESIDENTE DA CÂMARA DE MORA, TEM POLÍTICAS DE INCENTIVO

» «É através de medidas permanentes que apoiem e facilitem a vida dos pais que se jogará a inversão da tendência. Do que se conhece, a utilização de pagamentos por nascimento tem pouco efeito. Mas políticas de longo prazo de apoio a casais com filhos no acesso a casas maiores, no apoio à escolaridade dos filhos, e regimes de trabalho flexível, como apoio diferenciado em casode desemprego a pais de crianças até certa idade, podem vir a ter»

PEDRO PITA BARROS
ECONOMISTA



Berçários vazios começam a ser uma realidade das maternidades

Quantos nascem em Portugal

O aumento de nascimentos em 1975 resulta da esperança num futuro melhor criado pelo 25 de Abril. A que se juntou o regresso das famílias das ex-colónias, cujos bebés passaram a nascer em Portugal. Entre 1996 e 2000 a fase foi de confiança económica, com eventos como a Expo'98 a dar força às expectativas. Foi aqui também que começaram a chegar mais imigrantes. Mas a partir de 2009, a crise ditou um futuro sem bebés. E desde aí que Portugal não chega aos 100 mil nascimentos



OS PIORES CINCO ANOS



Crise leva casais a adiar tratamentos de fertilidade

PEDIDOS Lisboa diz que adiamentos atingem 8% a 10% dos casais que fazem tratamentos pela primeira vez. Porto também se queixa

Cláudia Vieira, da Associação Portuguesa de Fertilidade.

No centro de PMA da maternidade de Júlio Dinis, no Porto, os pedidos para adiar tratamentos surgiram nos últimos meses do ano passado. E continuam. "Pedem porque os maridos emigraram para Angola ou França à procura de um trabalho temporário, porque estão no desemprego. Não é a maioria dos casos, mas é uma situação a que não estávamos habituados", refere Joana Mesquita Guimarães, responsável pelo centro, adiantando que são os casais mais jovens que fazem este pedido, pois não comprometem gravemente o diagnóstico.

Há casais que estão a pedir o adiamento dos tratamentos de fertilidade, mesmo quando estão a ser acompanhados nas unidades de saúde pública, onde têm apenas de pagar os custos com a medicação, que pode chegar aos mil euros. A razão está, mais uma vez, na instabilidade social que o País está a viver: desemprego, falta de segurança no trabalho e de capacidade financeira, etc. A situação é de tal forma preocupante, quando se pensa que, neste momento, de 3% a 5% dos bebés que nascem em Portugal já resultam de técnicas de procriação medicamentosa assistidas (PMA).

"No privado os custos dos tratamentos podem chegar aos cinco mil euros. Mas até nos centros públicos vemos casais a pedir o adiamento, porque um ou os dois estão sem emprego ou em situação precária, e uma eventual gravidez poderia levar ao despedimento. Por um lado ficam satisfeitos por serem chamados, por outro, sentem que não têm condições para pagar medicação ou sustentar uma gravidez e um bebé. Adiam o projeto porque este não é o momento ideal", diz

Também em Lisboa, o adiamento é uma realidade. "O Centro do Hospital de Santa Maria pode atingir os 8% a 10% dos 350 casais que por ano fazem o primeiro tratamento. Alguns dizem que preferem adiar o projeto, outros evocam condicionais financeiros. A percentagem da carga financeira no público é menor que no privado, mas em termos absolutos pode atingir as centenas de euros em medicação, deslocações e estadas, se os casais forem de fora", diz Calhaz Jorge, diretor do centro de procriação medicamentosa assistida, acrescentando que os "tempos de espera têm-se mantido estáveis entre os casais que adiam o tratamento e os que se candidatam de novo".

MIGRAÇÃO

» Portugal assiste a uma dupla saída. De um lado portugueses, sobretudo jovens, que procuram uma oportunidade de emprego noutros países. Por outro, deixamos de ser um país de acolhimento tão atrativo, levando muitos estrangeiros a regressar aos seus países de origem. Casais em idade fértil ou com filhos que poderiam permanecer em Portugal e constituir família.

GRÁVIDAS DESPEDIDAS

» A crise está a atirar mais grávidas para o desemprego. O número de casais em que a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego deu parecer favorável às empresas quase duplicou no ano passado. A explicação está no aumento de despedimentos coletivos e no fecho de empresas. A lei protege contra a discriminação, mas não do desemprego.

Joana vai ser mãe com ajuda da família

SONHO O bebé de Joana vai nascer em agosto. Ela e o marido têm 33 anos e há três anos e meio que tentavam aumentar a família. Remaram contra a maré e com a ajuda da família, que os apoiou financeiramente, vão agora conseguir concretizar esse sonho. "Se começássemos a fazer contas à vida e a ter a estabilidade financeira como critério, não teríamos avançado. Mas este era um desejo muito grande."

Está grávida de 18 semanas. Recorreu a um centro de procriação medicamentosa assistida privado para realizar este projeto. "Começámos pelo público, porque somos jovens, os ordenados são baixos, e achámos que não teríamos capacidade. Mas vimos que se continuássemos aí tínhamos de adiar este desejo por causa do tempo de espera", diz a arquiteta. O tratamento custou cinco mil

euros. "Tínhamos pouco dinheiro de parte e receio de nos endividarmos antes de o bebé nascer. Falámos com a família. Nem pedimos, eles decidiram logo ajudar. Os amigos também foram muito solidários", diz. "A maior preocupação é não ter tempo de qualidade para o bebé", confessa. O investimento no enxoval será limitado, pois sabe que terá a ajuda dos amigos com coisas emprestadas.